

A PAIDÉIA JESUÍTICA ENTRE OS ITATÍN NO SÉCULO XVII

*SOUSA, Neimar Machado**

Introdução

Esta pesquisa, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, linha de pesquisa História, Filosofia e Sociologia da Educação, consistiu num estudo das relações, contexto e influências pedagógicas construídas a partir do contato dos missionários-professores jesuítas com os índios do Itatim, durante o século XVII. Seu objetivo é investigar os princípios fundamentais da educação jesuítica colonial entre os Itatim, relacionando catequese, conversão e a ocupação espanhola do território indígena que implicou no estabelecimento de processos de negociação, estabelecidos a partir do contato indígena com os missionários jesuítas, colonos, encomendeiros espanhóis e bandeirantes paulistas. As fontes primárias do estudo estão fundamentalmente nos manuscritos da Coleção De Angelis, contextualizadas e analisadas a partir dos fundamentos teóricos da perspectiva etno-histórica, uma especialização na fronteira dos estudos de história social e econômica aplicados à História da Educação. A justificativa do objeto decorre do fato de que a historiografia sobre as missões jesuíticas contempla apenas parcialmente a análise das relações étnicas estabelecidas no âmbito da escola, além de abordar massivamente o período republicano sendo poucas as análises que se debruçam sobre o extenso período jesuítico e colonial. Dentre estes estudos, há uma ênfase nos colégios que se estabeleceram no litoral luso-brasileiro e terras interiores da América espanhola cuja tendência é englobar as missões do Itatim dentro das reduções do Paraguai sem enfatizar a participação dos indígenas na construção, negociação ou negação dos projetos coloniais. Entre os resultados alcançados da pesquisa, destaca-se a cautela analítica necessária ao se considerar a atuação e as orientações pedagógicas da Companhia tendo em vista que estas relações se produziram no tempo cronológico colonial. Ficou patente também que o objetivo da redução dos Itatim era cristianizar os elementos indígenas que não pudessem ser reescritos, apagados ou destruídos. Para cristianizar, neste caso, civilizar, foi necessário um esforço hermenêutico para provar, com base na tradição, a aptidão dos indígenas para aprender, ou seja, a grande

* Professor e pesquisador da linha 3, Diversidade Cultural e Educação Indígena, no Programa de Pós-Graduação em Educação e do Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas, NEPPI, da Universidade Católica Dom Bosco. E-mail: professor_neimar@hotmail.com

interrogação era se estes homens eram homens, portadores de logos e com direito ao uso pleno da palavra. A leitura das fontes indica que, para colonizadores e conquistadores, apenas uma parcela da humanidade tinha direito ao uso da palavra.

As Reduções Jesuíticas do Paraguai foram uma faceta da atividade missionária católica colonial e um dos braços da colonização espanhola dos territórios indígenas. Estas missões foram, desde o século XVIII, objeto de análises historiográficas controversas. A fundação, organização das reduções e os fatores de atração dos indígenas são esclarecidos somente sob a análise das condições coloniais e políticas que prevaleceram no Vice-reino do Peru e Governadoria do Prata durante o século XVII.

A região, onde se estabeleceram as reduções do Itatim, foi descoberta em 1515, por Juan Díaz Solís e passou por diversas fases da conquista, desde episódios sangrentos, no enfrentamento com os índios nas batalhas iniciais, até a conquista espiritual, não bélica, levada a cabo nos estabelecimentos reducionais, colégios e casas de bê-a-bá. Essas instituições foram organizadas por ordens religiosas, entre elas a Companhia de Jesus.

A pedagogia, entre os índios *Itatines*, como foram designados os índios habitantes de um território que, hoje, se encontra no estado de Mato Grosso do Sul, foi uma obra da Conquista que antecedeu cronologicamente o *Ratio Studiorum*, mas que o influenciou durante sua elaboração. Esses índios do Itatim eram, em sua maioria, falantes do idioma Guaraní e foram empurrados em direção às reduções devido ao avanço dos colonizadores luso-espanhóis sobre seus territórios.

Até 1590, os conquistadores espanhóis fundaram, pelo menos dez cidades e quarenta colônias, para garantir suas posses no Paraguai colonial. Neste processo, garantir a sedentarização e a pacificação dos indígenas, era fundamental para os interesses da coroa espanhola. Entre os mecanismos mais utilizados pelos colonos e missionários, temos a escola, a catequização e a conversão dos índios, como estratégias para conquistá-los. Pode-se dizer que a primeira investida da conquista foi a tentativa de transformação das antigas identidades étnicas nativas em índios genéricos e americanos no plano discursivo.

Os indígenas, conquistados pela força ou voluntariamente, segundo documentos compilados por Cortesão (1952), foram trazidos debaixo do jugo do

espanhol, mediante o sistema de *encomienda*, que transformou os índios em yanaconas¹, mitayos², a serviço dos conquistadores e colonos. Nasceu o conceito de guerra justa contra os índios inimigos, provavelmente derivado da ideia de Guerra contra os infiéis muçulmanos, daí a importância simbólica da figura de Santiago Matamoros nos oratórios coloniais americanos. Os índios que não se submetiam pacificamente eram alvo da Guerra constante contra os nativos da América, de modo que, guerrear tornou-se um negócio muito rentável que mantinha o emprego de soldados, a construção de fortes, além de prover o fornecimento de trabalhadores em regime de escravidão, sempre que necessário. Semelhante destino caiu sobre os Itatín.

É bem verdade que diversos decretos das monarquias espanhola e portuguesa garantiam alguns direitos aos indígenas aliados, o que implicava em conversão. Por outro lado, era grande a dificuldade de fiscalização e controle nos distantes núcleos coloniais da fronteira americana. A debilidade do controle e a ambição de muitos dos oficiais permitiu que a escravidão, a Guerra e os abusos florescessem. Testemunha das práticas desumanas da conquista foi o intérprete peruano, Felipe Guamán Poma de Ayala (1615), em suas numerosas representações pictóricas, que retratam as práticas de extirpação de idolatrias³ e gradual substituição por símbolos cristãos como grafado na ilustração abaixo.

¹ Escravos.

² Servos.

³ Objetos religiosos associados pelos cristãos às práticas pagãs.

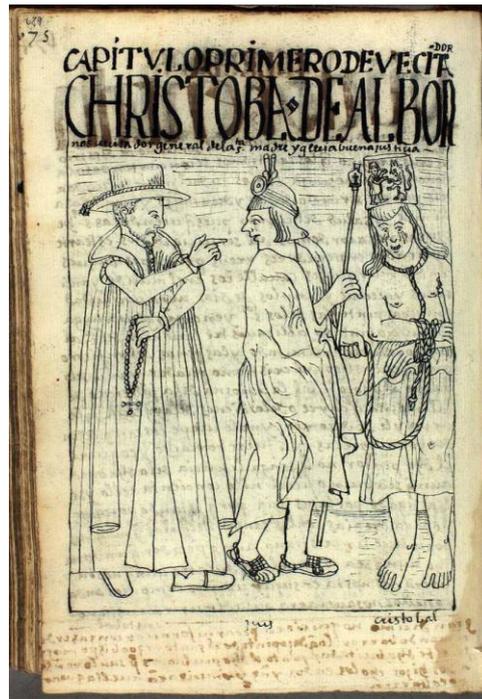


FIGURA 01 – VISITADOR E SEU ASSISTENTE CASTIGAM INDÍGENA

FONTE: POMA DE AYALA, Felipe Guamán. *Nueva corónica y buen gobierno* (1615). p. 689.

Esse sistema resultou em insurreições freqüentes, além de ódio aos estrangeiros por parte das tribos americanas, e, especialmente, entre os Guarani *Itatín*. A fundação das reduções tinha o objetivo de minorar esta resistência, mediante uma conquista espiritual.

Os monarcas católicos da Espanha depositavam grandes esperanças no trabalho dos missionários para a consolidação de seus domínios em terras americanas. Entre as ordens pioneiras no Prata, temos os franciscanos, dominicanos, mercedários, agostinianos e Jerônimos. O território foi dividido, segundo padrões cristãos europeus e sua população recenseada na categoria de almas, clara alusão ao objetivo teológico da missão: a salvação mediante a administração do batismo. Foram três as dioceses⁴ criadas: Paraguai (sede em Asunción), estabelecida em 1547; Tucumán (sede em Santiago del Estero, mais tarde em Córdoba), 1570; e Buenos Aires, em 1582. De Asunción, vinham as instruções para a catequese e educação dos *Itatim*.

Em 1559, o clero, em todo o Paraguai, não passava de vinte padres seculares e regulares. O primeiro Bispo de Tucumán, Don Francisco de Victoria, tomou posse de sua diocese, em 1581. Havia apenas cinco padres seculares e nenhum falava o idioma dos índios. Em 1586, o primeiro jesuíta chegou em Tucumán, a seu pedido, e em 1587,

⁴ Divisões administrativas da igreja católica.

o bispo de Asunción, Don Alonso Guerra, solicitou jesuítas para o trabalho no Paraguai. Tais pedidos relacionavam à fama que a ordem adquirira na Europa, entre os católicos, por missionários como Francisco Xavier, na Índia Oriental, e José de Anchieta, no Brasil. Havia grande esperança no trabalho jesuítico na conversão pacífica dos indígenas tidos como selvagens. A ação jesuítica consolidou-se depois de 1593, com a fundação de academias, seminários, residências e casas para retiros espirituais, os exercícios de Santo Inácio, que se espalharam por Santiago Del Estero, Asunción, Córdoba, onde foi fundada uma universidade, em 1621, Buenos Aires, Corrientes, Tarija, Salta, San Miguel de Tucuman, Santa Fé, La Rioja e Itatim. Um dos objetivos dos jesuítas era a catequese entre os índios encomiendados, porém, dedicaram-se à catequese de índios não-encomiendados devido à resistência destes índios, já experientes no trato com os colonizadores. Este mesmo processo pode ser observado nas cartas ânuas sobre o Itatim. Neste caso, os índios dos arredores de Santiago de Xerez eram *encomiendados* e a esses índios, os jesuítas deviam dedicar-se.

As reduções do Itatim começaram por frentes itinerantes de trabalho, mas apesar dos propagados esforços, os resultados não foram muito duradouros. Esses resultados levaram alguns historiadores, como Charlotte de Castelnau-L'Estoile, a considerar os jesuítas como operários de uma vinha estéril e alguns antropólogos, como Eduardo Viveiros de Castro, a considerar a inconstância dos índios. Observe-se que estas considerações esclarecem muito mais sobre a sociedade européia que das ameríndias, além de expressar as expectativas dos próprios missionários. Como resposta às dificuldades, o superior da ordem, Aquaviva, insistiu na concentração de esforço e a fundação de povoados em localidades mais vantajosas. As reduções do Itatim passaram por estas duas fases. A Província do Paraguai, fundada em 1606, com sete missionários, em 1613, já continha 113. O jesuíta Diego de Torres e Bollo era o responsável para colocar em curso o projeto missionário em toda a região.

A interpretação historiográfica destas reduções é controversa. Campanella, renascentista italiano do século XVI, defendeu a tese de que os missionários ensaiavam a construção de um Estado na América, argumento retomado pelos iluministas à época das reformas pombalinas. Evidentemente, da ótica dos jesuítas, o objetivo era a conversão dos pagãos. Do ponto de vista econômico, acabou prevalecendo o sistema de encomienda, que se revelou uma estrutura de longa duração na América, no que diz respeito à relação entre os estados nacionais e os povos indígenas. Assim, a opressão dos nativos à força gerou aversão aos colonizadores e à sua religião, além dos maus

exemplos dos colonos, segundo relatam em suas anuas, os jesuítas. Deste modo, a inconstância da alma selvagem como causa do insucesso das missões pode ser interpretada de outra ótica, como o resultado da constância dos civilizados em manter certas práticas, como o maior entrave às reduções jesuíticas.

A resposta em relação a estas dificuldades na catequese com os índios no Paraguai e Itatim foi a ênfase na liberdade dos índios, liberação dos índios do serviço pessoal e a concentração dos nativos, longe dos povoados de colonos para a sua conquista espiritual em reduções administradas pelos missionários.

A Paidéia de Cristo no Itatim

[...] Y que volviessen a recibir y tener como de antes a sus padres legítimos, estimando, venerando y obedeciendo su doctrina y mandatos como mui verdaderos y justos, y de siervos de Dios, de los cuales asin los Índios como los Españoles aviam aprendido las primeras letras y costumbres cristianas. (Diego Francisco de Altamirano, Córdoba, 31 de dezembro de 1654. In CORTESÃO, 1952, p. 194)

A epígrafe acima retrata um trecho do discurso das autoridades espanholas, juiz, representante do rei, soldados e ministros, que apresentam os jesuítas para reiniciar o trabalho das reduções, das quais haviam sido expulsos pelo bispo franciscano de Assunção. O discurso foi proferido, em 1650, e ganhou redação final em Córdoba, 31 de dezembro de 1654, na pena do jesuíta Diego Francisco de Altamirano. No fragmento, convém destacar diversos aspectos e perspectivas: a autoridade religiosa sobre os aldeamentos de índios deve ter o aval da autoridade civil; isto expressa um modelo de estado colonial. Neste tipo de estado nacional, transplantado da Europa para as terras dos Guarani, a esfera civil coincide com a religiosa, é o chamado padroado. Por outro lado, nota-se que a relativa autonomia dos *Itatim*, frente às autoridades coloniais, ou seja, um missionário, que é um emissário do Estado, precisa ser apresentado aos índios, para que tenha permissão para trabalhar entre os índios. Outro elemento que pode ser observado, no fragmento apresentado, é o paralelismo entre letramento e catequese cristã, ou costumes cristãos. Ambos estão associados e, por isto, este tópico foi nomeado de Paidéia de Cristo no Itatim, ou seja, a viga mestra do trabalho educacional jesuítico era a transformação dos costumes indígenas, que não estivessem de acordo com o catecismo cristão. Observe-se, ainda, que a autoridade jesuítica é reforçada, pelo

fato de terem sido eles os que ensinaram, tanto aos colonos, quanto aos índios, os rudimentos da nova gramática cristã.

Todas as reduções tinham pelo menos escola primária ou de primeiras letras. As escolas eram freqüentadas, principalmente pelos meninos filhos dos caciques e índios de maior destaque (BANDELIER, 2008), estratégia jesuítica que, na atualidade, é chamada de pastoral da influência, ou seja, primeiro ganhar os mais influentes e, após estes, os demais. Este modo de agir serviu, tanto para o trabalho com os índios, quanto para os não-índios.

Nessas escolas de bê-á-bá era ensinado a ler, escrever e aritmética. Neste quesito, as missões estavam mais adiantadas que os outros povoados coloniais. Os meninos que mais se destacavam começavam as aulas de latim para trabalhar como sacristão e como leitores. Havia também as aulas de canto e música, para garantir que cada redução tivesse orquestra e coro (BANDELIER, 2008). A beleza do culto era elemento pedagógico considerável para atrair os índios aos templos e diversos eram os truques utilizados quanto à iluminação dos templos, composição das paredes, uso de espelhos nas igrejas, além do canto e da música.

As escolas das missões atraíam também, pelo fato da capacitação na língua espanhola, interessante, especialmente para as lideranças, que realizavam o intercâmbio com os não-índios. As mulheres, em sua grande maioria, falavam unicamente o Guarani. É preciso também considerar que os espanhóis e sua língua não eram, obviamente, muito populares entre os índios.

Os Princípios da Paidéia Jesuítica

O monumento em pedra, representa uma relação entre colonizador e colonizado que registra a intolerância e violência dos agentes coloniais. A fotografia abaixo registra um resquício colonial coerente com as cartas jesuíticas compiladas por Cortesão (1952) permanece ainda hoje no complexo arqueológico de Tiwanaku, Bolívia, próximo de onde começaram as reduções jesuíticas das terras baixas americanas, a partir de Juli, Peru, como testemunho da catequese aliada à colonização.



FIGURA 02 – MONOLITO PONCE
FONTE: Sousa, 2009.

Na imagem, representativa de um chefe indígena, é possível observar uma inscrição na altura do braço, com uma cruz sobre três pontos, em forma triangular, representando a santíssima trindade. Nos autos de fé, no século XVI, com o objetivo de extirpar costumes, considerados idolatrias, objetos indígenas, relacionados à religiosidade, eram destruídos em eventos públicos, com o propósito de mostrar a superioridade do cristianismo e desacreditar os xamãs. Montoya (1997, p. 117) mencionou, no Guairá, caso semelhante, em que ossos de índios guarani foram queimadas na praça da redução. No caso do monolito Ponce, observa-se que quando a destruição não era possível, promovia-se a exorcização da peça, em um processo de demonização do que acreditavam ser incompatível com o cristianismo. Assim os fundamentos históricos da atuação dos missionários catequistas entre os índios do Itatim não são peças destacadas da estrutura colonial pregressa.

A paideia dos jesuítas no Itatim foi uma paideia clerical, inspirada na formação sacerdotal em contrapartida com a nova paideia laica que, segundo Manacorda (1992), substituiu a paideia grega, com a decadência do império romano e sua posterior cristianização formal. Essa Paideia clerical foi transferida para as escolas indígenas da Companhia. A paideia moderna é secular em substituição da paideia cenobial, típica da idade média, porém, a pedagogia jesuítica é distinta da cenobial, mas continua sacerdotal, como se pode apreender pela leitura do *ratio*. Os jesuítas, embora sejam religiosos, atuavam como seculares⁵, pois não ficavam reclusos em mosteiros. Um dos documentos que sistematizou e universalizou os métodos jesuíticos de ensino, em 1599, foi o *Ratio Studiorum*.

Este plano geral representou, na trincheira da Contra-Reforma, o que na pedagogia protestante foi a Didática Magna, de Comenius, uma versão aplicada aos colégios dos princípios reformistas, enunciados por Lutero, em seus catecismos maior e menor. De certa maneira, a paideia moderna nasceu como paideia de Cristo, tanto em sua concepção católica, quanto protestante.

A prática educacional dos jesuítas entre os indígenas, no Novo Mundo, passa pela análise de seu Plano de Estudos que, na opinião do Padre Leonel Franca (1952), “desempenha um papel, cuja importância não é permitida desconhecer ou menosprezar”. O *Ratio* foi o código de ensino, sobre o qual se erigiram a organização e a atividade dos colégios da Companhia, sendo quase que total seu monopólio da educação católica, durante cerca de dois séculos. Na região do Itatim, muito embora não houvesse colégio, apenas duas casas de primeiras letras para ensinar os índios as primeiras letras e a contar. Nada indica que na cidade espanhola mais próxima, Santiago de Xerez, houvesse escola. Até mesmo porque não existia serviço religioso regular e o colégio mais próximo ficava em Assunção, onde valiam as regras do Plano Geral de Estudos.

Por outro lado, observa-se que as regras pedagógicas do ensino do Cristianismo aos índios Guarani não foram tão rigidamente guiadas pelo *Ratio*, sendo necessária uma adaptação “pastoral” para os índios. Entre as diretrizes paraguaias que se somaram ao Plano da Companhia, há o Concílio de Trento (1545-1563), Concílios de Lima, Sínodo⁶ de Assunção e inúmeras orientações pastorais dos superiores da

⁵ Secular, ou seja, do mundo, não monacal.

⁶ Nome antigo dos concílios. Assembléia de eclesiásticos para tratar de assuntos de sua diocese. De acordo com o direito canônico (cânones 356-362), é uma assembléia que deve tratar do que diz respeito

Companhia que moravam no Colégio de Assunção, como Diego de Boroa e Felix de Zurbano.

Como destacou Leonel Franca (1952), na introdução ao Plano de Estudos da Companhia, foi uma

ordem consagrada ao ensino pela Constituição escrita por seu próprio fundador, a Companhia, onde quer que entrasse a exercer os seus ministérios, instituíu logo e multiplicava rapidamente os seus estabelecimentos de ensino. Em 1750, poucos anos antes de sua supressão (1773) por Clemente XIV, a Ordem de Inácio dirigia 578 colégios e 150 seminários, ao todo, 728 casas de ensino.

De acordo com o número de casas de ensino que os jesuítas possuíam, é possível inferir o patrimônio amealhado pela congregação, na América, por meio de doações, testamentos e rendas com a administração das terras. As missões do Itatim eram socorridas, pelo colégio de Assunção, com gado, cada vez que havia seca ou dificuldade material para garantir a ortodoxia da espiritualidade dos neófitos indígenas da Companhia. Na América espanhola, os jesuítas perceberam bem cedo que não seria possível depender dos colonos para o sustento das igrejas e colégios e, ao menos, sonegar as encomendas dos índios cristãos.

A pedagogia jesuítica, tal como exposta por Franca (1952), pretende-se perene, como perene deseja a igreja católica que seja a filosofia de Tomás de Aquino, recomendada expressamente como a filosofia do método. Por pedagogia perene há que se entender um método de ensinar que está pronto, acabado e não carece de aperfeiçoamentos, pois como destacou Leonel Franca

pedagogicamente, a aplicação do *Ratio* foi coroada, em toda parte, de um êxito incontestável. Confessam-no todos os escritores desapaixonados, ainda os menos simpáticos aos jesuítas. E se a árvore se conhece pelos frutos, aí estão eles numerosos e sazonados, a atestar-lhe a boa seiva e fecundidade. (FRANCA, 1952, p. 06)

Seguindo em sua apologia, o jesuíta afirmou que esse método tem finalidade prática, além de servir a dois fundamentos: a eficiência da Contra-Reforma e a formação intelectual da aristocracia. Entre os índios decorre que o alvo preferencial da escola eram os filhos das lideranças indígenas que viriam, no futuro, a exercer esta função nos

às necessidades do clero e do povo. A orientação canônica é de que haja um sínodo pelos menos de 10 em 10 anos. Após o Concílio de Trento, caso do Sínodo de Assunção, a recomendação é de que seja anual, tendo em vista, os tempos de “heresia”. Quem convoca o sínodo é o bispo diocesano, único legislador. Neste caso, a assembléia sinodal é apenas consultiva e as definições do sínodo não precisam ser submetidas ao beneplácito papal.

povoados e, neste caso, seriam os angelitos⁷ da Companhia. Por outro lado, sabe-se que muitos colégios jesuíticos, fundados com o objetivo de catequizar os índios, aos poucos passaram a formar a elite crioula, que ocuparia as funções-chave, na colônia, o que explica, em parte, a rentabilidade e a independência destes estabelecimentos. Acredita-se que esse foi o caso dos colégios de São Paulo (1554), Rio de Janeiro (1568) e Assunção (1588).

Leonel Franca (1952, p. 07) destacou, sempre elogiosamente, que o *Ratio* está traduzido na maioria das línguas modernas, inclusive o português, de acordo com um critério que uniu exatidão, simplicidade e fluência, ou seja, seu propósito é a popularização do método jesuítico, de tal maneira que o ímpeto combativo e militante continua vivo.

A abertura de colégios e casas de bê-a-bá, para estudantes externos, como no caso dos índios não-pertencentes à Ordem, não entrava no plano primitivo do fundador dos jesuítas. O primeiro colégio para externos foi fundado, nas índias orientais, em 1543, em Goa, por Francisco Xavier, considerado modelo para os jesuítas, após sua morte. Assim esta característica da ordem surgiu, mais pela necessidade do que por um plano inicial do fundador, o que mostra a congregação dos jesuítas como uma ordem que procurou atender a uma necessidade do seu tempo e a maleabilidade para adaptar-se às necessidades locais. Desde o início, havia aulas de filosofia e classes de gramática, de modo a atender os candidatos da companhia e alunos externos, formados de acordo com seus princípios.

O Colégio de Messina foi um verdadeiro laboratório para a elaboração do *Ratio*. Praticamente todas as regras foram testadas neste colégio, fundado em 1548, a pedido do Vice-Rei e da cidade de Messina. Os primeiros jesuítas, companheiros de Inácio de Loyola, eram também professores, entre eles, Jerônimo Nadal, professor de hebreu, Pedro Canísio, de retórica, André Frusius, de grego, Isidoro Bellini, de lógica, João Batista Passerini, Anibal Du Coudret e Benedito Palmio, respectivamente da 3^o., 2^o. e 1^o. classe de gramática. O corpo docente apresentava um caráter acentuadamente

⁷ Estas crianças indígenas, denominadas de angelitos da companhia, eram índios que residiam no colégio ou junto aos padres da Companhia de Jesus. Preferencialmente, eram filhos dos caciques principais e futuras lideranças indígenas moldadas de perto pela ordem com o objetivo de subverter os costumes indígenas desde seu interior e plantar costumes cristãos nas famílias indígenas, quando estes jovens voltassem ao convívio de sua parentela. Assim, a principal linha de ação jesuítica foi o combate aos elementos centrais da política guarani, mediante a formação cuidadosa dos membros do Conselho de Caciques, uma instituição muito antiga entre os Tupi-guarani. Evidentemente, nem sempre estes angelitos crescidos seguiam à risca os preceitos jesuíticos, havendo, na literatura muitos casos de “deserções” e retorno aos antigos costumes.

cosmopolita: italianos, espanhóis, franceses e alemães. Essa composição também foi observada nas missões do Paraguai e Itatim.

A formação era de caráter humanístico, de acordo com o espírito da época, porém de aplicação prática, mais dedutiva que indutiva, como observaria mais tarde um conhecido aluno francês da Companhia, René Descartes.

A maioria dos primeiros jesuítas estudou na Universidade de Paris e este foi o método de ensino adotado, ou seja, repetições, disputas, interrogações e declamações. Esta universidade era ligada à igreja católica, como a maioria naquele período e tinha forte influência dos dominicanos, daí a adoção da filosofia escolástica. Dos primeiros jesuítas, apenas Pedro Canísio estudou na Universidade de Colônia.

As primeiras experiências educacionais da Companhia iam sendo compiladas por Nadal, reitor de Messina. Em 1551, um plano de estudos foi enviado a Roma e, de Roma, a outros colégios que irão sendo fundados. A pedagógica jesuíta tem um comando centralizado. Nadal elaborou ainda um tratado intitulado *De Studio Societatis Jesu*. Na América, os jesuítas também dedicaram-se ao papel de sistematizadores, principalmente com a História Moral e Natural de Índias, de José de Acosta (1954).

O colégio de Messina, na Sicília, acabou por impulsionar a fundação de outro, em Palermo (1549). Parece que não eram muitas as instituições educativas, na Itália deste período. Não demorou muito para os jesuítas planejarem a abertura de um estabelecimento em Roma. Uma ordem que se pretendesse influente, dentro da igreja católica, deveria estar presente na Sé Apostólica e cumpriria a função de escola normal, de onde sairiam os futuros jesuítas, formados na cartilha jesuíta. Este projeto consolidou-se em 1551. O jesuíta Nadal foi reitor deste colégio, após percorrer, entre 1552 e 1557, na condição de delegado de Inácio de Loyola, as escolas da Companhia em Portugal, Espanha e Germânia, com o objetivo de unificar currículos e procedimentos. Da Espanha, estes procedimentos chegaram à América. A casa era alugada, o que mostra que a companhia não era tão próspera. As aulas eram gratuitas e na frente da escola havia uma placa com a inscrição: *Scuola di grammatica, d'humanita e di dottrina cristiana*⁸ (FRANCA, 1952, p. 10). Este é o modelo da escola jesuíta transladado para as índias: gramática, humanidades filtradas pela ótica cristã e catequese. Na América, foi fundamental o ensino nas línguas indígenas,

⁸ Escola de gramática, humanidades e doutrina cristã.

consequentemente, estas línguas constavam no currículo dos colégios para a formação dos missionários. No caso do Itatim, o Guarani; nas terras do alto Peru, o Quíchua; na América portuguesa, o Nhengatu, mas sempre com um objetivo: a conversão, a cristianização da cultura. O crescimento dos colégios atraiu muitos candidatos à Companhia, de modo que os colégios também eram seminários de filosofia e teologia.

Nas escolas da Companhia, o corpo docente era escolhido a dedo, com base nos próprios critérios de competência e eficiência. O ato de castigar os índios nunca era realizado pelos jesuítas, mas por alguém orientado por eles. No caso do Itatim, a recomendação do provincial Felix de Zurbano era evitar, ao máximo, o castigo físico e, quando fosse necessário recorrer a ele, que fosse de comum acordo entre os dois jesuítas e aplicado por um cacique.

No Itatim, todos os cinco missionários também eram os professores, havendo uma superposição entre as figuras de cura e professor. Com muita frequência, as aulas eram ministradas, na porta da igreja e as lições eram repetidas pelos alunos, duas vezes por dia, de manhã e à tarde. Esta é uma excelente descrição da casa de bê-á-bá. Ensino menmônico, leitura, escrita e catecismo. Em alguns casos, a escrita era postergada, em favor da repetição e do catecismo (CORTESÃO, 1952, p. 72).

As bases para o ensino dos índios, nas missões do Itatim, foram estabelecidas pelo superior dos jesuítas do Paraguai, Félix de Zurbano, que residia em Assunção, próximo das missões entre os *Itatim*. Assim, o *Ratio* possibilita entender o modo jesuítico de ensinar, mesmo que não tenha sido implantado diretamente no Itatim, porque não havia colégios, mas apenas duas casas de bê-á-bá. A instrução entre estes índios era incipiente, tratava-se de ensinar os índios a ler, para que fossem capazes de ler, em guarani, as orações do catecismo de Luis de Bolaños e receber os sacramentos, prática comum na igreja católica pós-Concílio de Trento.

Na América, desde muito cedo, devido à distância e às diferenças culturais, constituiu-se uma espécie de pedagogia ameríndia, antes mesmo do estabelecimento das regras educacionais da Companhia. Essa pedagogia caracterizava-se por uma verdadeira simbiose entre ler, escrever e catequizar. De algum modo, os primeiros jesuítas tiveram de inventar um modo novo de evangelizar, que levasse em conta a diferença cultural das populações indígenas. Neste sentido, muito contribuiu, na América espanhola, José de Acosta. Antes do colégio jesuítico, vieram as casas de bê-á-bá, onde coexistiam o ensino primário e secundário (FERREIRA JR. e BITTAR, 2006).

Além de Nadal, o jesuíta Ledesma, professor do Colégio Romano, a partir de 1557, reviu e ampliou o programa de estudos desse Colégio. Publicou um estudo intitulado *De ratione et ordine Studiorum Collegii Romani* com a intenção de servir de norma a todos os Colégios da Companhia. Roma se consolidou, no século XVI, como o centro de estudos da ordem espanhola. Foi a maior contribuição individual na elaboração do *Ratio* de 1599 (FRANCA, 1952, p. 12-13)

À medida que aumentava o número de colégios dirigidos pelos jesuítas, aumentava a influência européia da ordem. Cresceria do mesmo modo o número de inimigos da companhia, devido ao quase monopólio das nascentes e modernas instituições educativas.

Por outro lado, como destacou Leonel Franca (1952, p. 15),

o plano de estudos, elaborado em Messina e desenvolvido via Colégio Romano, construiu uma primeira norma orientadora das novas fundações. A diversidade dos costumes regionais e a variedade dos homens não tardaram em introduzir-lhes alterações mais ou menos profundas.

As regras européias da Companhia tiveram de ser adaptadas à realidade americana da Companhia; por isso, procede-se a composição de catecismos e gramáticas nas línguas ameríndias, por parte de Anchieta e Montoya. Em contrapartida, havia inspeções periódicas, da parte da Companhia, de visitantes, de modo a assegurar a unidade.

Evidentemente, o *Ratio Studiorum* não é resultado da pena de Santo Inácio, muito embora o fundador houvesse previsto a elaboração deste plano, na parte IV, das constituições, em 1552. O projeto inicial era um plano pormenorizado, prático e universal de estudos. Esta é uma característica básica da pedagogia jesuítica. Resulta de um período histórico, em que os estados nacionais não estão ainda consolidados; então pretendem um método universal, baseado em uma visão cristã do homem e da cultura. A Companhia não particularizou, universalizou. É herdeira da cristandade, na modernidade. Opera na transição entre os dois tempos. Uma das preocupações do fundador era controlar a diversidade de opiniões dos educadores. O espírito livre não era bem visto em tempos de reforma. A pedagogia jesuíta está a serviço da igreja católica e de si mesma.

A primeira versão do *Ratio* era conhecida como *summa sapientia*⁹ e teve sua primeira elaboração, em 1586. Era o resultado da experiência do colégio romano e de

⁹ Sabedoria máxima.

seus reitores Ledesma e Nadal. A sistematização das constituições e do plano de ensino era o resultado do trabalho coletivo das congregações gerais, reunidas a cada oito anos. O objetivo era reformar. Reforçar a cultura tradicional para fazer frente à nova. É difícil caracterizar a Companhia de Jesus como uma ordem religiosa moderna.¹⁰

Os trabalhos de codificação definitiva do *Ratio* foram o resultado do projeto do jesuíta Claudio Aquaviva. Nomeou comissões de várias nacionalidades, em 1581 e 1584, para resumir e compilar as regras educacionais, princípios disciplinares e estatutos em uso, nos colégios e universidades da Companhia. José de Acosta compôs essa primeira comissão e, por meio de sua obra *Predicación del Evangelio en las Indias* (1577), guiou os missionários no Novo Mundo. É dele, também, o projeto de enviar mais missionários ao Peru. Os trabalhos foram concluídos, em 1585 e submetidos por Aquaviva aos provinciais, em 1586. Julgou que ainda não estava pronto. O que desagradou o geral foi o fato de que não era prático o suficiente, não tinha a forma de regulamento, além de ser muito discursivo e escolástico, como ressaltou Leonel Franca (1952, p. 19-20). Os jesuítas desejavam algo moderno.

É importante destacar que, devido à centralidade marcial da Companhia, os princípios pedagógicos, discutidos na elaboração do *Ratio*, chegaram à América e guiaram, seletivamente, os trabalhos de catequese junto aos índios. Neste sentido é elucidativo o que escreveu o jesuíta José de Acosta (1954, libro V, cap. II)

Siempre me ha parecido monstruoso que entre tantos millares de indios que se llaman cristianos sea tan raro el que conoce a Cristo, que con más razón que los de Efeso sobre el Espíritu Santo pueden éstos responder de Cristo: «Ni aun si hay Cristo hemos oído». Y versando acerca de esto los primeros elementos de la palabra de Dios, y no sonando otra cosa la Sagrada Escritura, ¿qué causa puede haber de que no se paren aquí los catequistas y enseñen a Cristo y lo impriman en el corazón de los neófitos? Porque si los miramos con atención, apenas encontraremos en la mayoría un conocimiento de Cristo más completo que el que pueden tener de los apóstoles Pedro o Pablo, o del profeta David o de otros, y aun a veces se les hace tan nuevo el nombre de Cristo como si les hablasen de Eneas o de Rómulo. Es una afrenta del evangelio y una deshonra del nombre cristiano, que me faltan palabras para execrarla. ¿Dónde se ha visto que un cristiano que hace veinte y treinta años que pisa la Iglesia, preguntando sobre Cristo no sepa responder quién es y ni aun siquiera si existe? Y mientras tanto andan muchos enseñando cosas frívolas y que no vienen a cuento y otros anuncian, sí, a Cristo, pero tan de pasada y oscuramente que al indio no se le graba más que las otras cosas.

¹⁰ Para fins práticos, nesse texto é utilizado o termo ordem para referir-se aos jesuítas, muito embora o termo não seja adequado, pois a igreja católica possui poucas ordens, geralmente medievais. É o caso dos beneditinos, franciscanos e dominicanos.

Entre os índios, o objetivo não era outro, senão o da conversão. Não era o humanismo que guiava os missionários, mas o pragmatismo da expansão das fronteiras da fé, da polícia¹¹ cristã e dos súditos *del rey*. É evidente que é grande a propaganda dos jesuítas contra as outras ordens e clérigos seculares pelo desleixo com que, na opinião de Acosta, tratavam a catequese indígena. A primeira agência de propaganda chamou-se *propaganda fidei*¹² e sua criação, pela igreja católica, ocorreu, em 1572. Neste palco, atuaram os jesuítas. Em resumo, os índios nada sabiam, mas podiam aprender, desde que tivessem bons professores. Quem eram os índios? A essa tarefa, os jesuítas também dedicaram-se, notadamente Diego Ferrer, no caso do Itatim, uma das divisões produzidas entre os Guarani, no bojo da conquista.

O objetivo dos jesuítas não era produzir tratados, nem longas discussões pedagógicas. A ordem tinha um perfil militante, então, as regras têm de ser simples para serem seguidas. O mesmo princípio foi observado ao tratar-se das missões indígenas e das escolas.

Uma edição, de 1591 e 1592, ficou sob a incumbência dos professores do colégio romano, “entre os quais figuravam Belarmino, Suárez, Sardi, Giustiniano, Parra, Pereira, Benci, Torsellini, isto é, teólogos, filósofos e humanistas dos mais distintos” (FRANCA, 1952, p. 21). Todos reconhecidamente escolásticos. A base filosófica do *Ratio* era Aristóteles, cristianizado, e Tomás de Aquino. Eliminaram-se as discussões teóricas que precediam as regras, que foram agrupadas para administradores, professores e estudantes. A orientação era que o método fosse colocado em uso, por três anos e os resultados relatados. Os jesuítas tinham um eficiente sistema de comunicação, as cartas anuais. Parte deste sistema serviu de fonte para este estudo sobre a pedagogia entre os índios *Itatim*. Ao cabo do prazo, o número de regras foi reduzido à metade. Ficaram, na versão de janeiro de 1599, 467 regras. O plano de estudos foi promulgado pelo superior. Os jesuítas demoraram cerca de 50 anos para criar seu método.

Com a publicação definitiva do *Ratio*, em 1599, a ordem começava a funcionar de maneira mais orgânica e racional, filosoficamente afinada com os tempos modernos. Observa-se que, entre os *Itatim*, predominaram muito mais os princípios educacionais das constituições que o *Ratio*. É evidente que, enquanto, na Europa,

¹¹ O termo policia cristã será utilizada nesta pesquisa para fazer jus ao uso freqüente na documentação primária jesuítica como sendo o grande objetivo das doutrinas americanas da Companhia. O objetivo era cristianizar o que equivalia a civilizar, viver em cidades de acordo com a experiência européia de costumes e organização cristã. Este é o sentido do termo.

¹² Propagação da fé.

Aquaviva orquestrava a redação do plano de estudos, na América, os princípios das constituições foram adaptados e traduzidos, pelos Concílios de Lima e Sínodo de Assunção, habilmente praticados pelos jesuítas na instrução dos índios.

A adaptação das regras às necessidades locais, tal como foi praticado em São Vicente, por Manoel da Nóbrega, e por Antonio Ruiz de Montoya, no Paraguai, tiveram seus reflexos na maneira de agir dos jesuítas. O *Ratio*, de 1599, foi revisado, em 1832, após permanecer, como lei oficial da Companhia, durante quase dois séculos, até a supressão da Ordem em 1773.

A regra 39 do Provincial dizia textualmente:

Como, porém, na variedade de lugares, tempos e pessoas, pode ser necessária alguma diversidade na ordem e no tempo consagrado aos estudos, nas repetições, disputas e outros exercícios e ainda nas férias, (o Provincial), se julgar conveniente na sua Província alguma modificação para maior progresso das letras, informe o Geral para que se tomem as determinações acomodadas a todas as necessidades, de modo, porém, que se aproximem o mais possível da organização geral dos nossos estudos. (FRANCA, 1952, p. 132)

Diversidade para a diversidade de lugares é o título da regra. Esta regra é seguida por uma última, conclusiva, sobre a necessidade do provincial zelar pela piedade e pelos bons costumes. Objetivo: salvar as almas, como alerta as constituições. Nota-se que a prática americana dos jesuítas teve reflexo sobre a organização posterior da Companhia. O *Ratio* foi conhecendo outras compilações, mas sempre mais particularizantes que universais, na direção de atender à necessidade das línguas vernáculas e ciências experimentais. A Companhia foi uma ordem pragmática, pois, como dizia José de Acosta ([1577] 1954), o objetivo era ensinar a fé, mesmo que seja necessário fazer concessões.

A Paidéia Jesuítica

A primeira questão que se insinua nesse tópico é a da originalidade. A pedagogia jesuítica inovou? Havia uma pedagogia jesuítica que distinguisse seus colégios dos demais? Sabemos que havia grande empenho dos superiores da companhia, durante os primeiros cinquenta anos, no sentido de criar regras rígidas que norteassem todos os seus colégios e universidades.

Um estudo de história da educação não precisa ser muito extenso para demonstrar que elementos presentes, na pedagogia da companhia, estavam presentes, em outros sistemas educativos.

O historiador da educação, Mário Alighiero Manacorda (1992, p. 116ss), ressaltou que as escolas da companhia mantinham muitos elementos, em comum, com as antigas escolas medievais dos bispados e mosteiros. Entre estes paralelos, pode-se citar a presença da leitura de salmos e da leitura divina, como já recomendava o Concílio de Toledo, em 527, e que a instrução dos sacerdotes poderia muito bem ser uma instrução de leigos. Esta característica também estava presente nas escolas de bê-á-bá,¹³ no interior das reduções indígenas do Itatim. Ademais, é preciso citar que a função da escola cristã, anterior às escolas da Companhia, era fornecer alimento espiritual e não cultivo nas ciências, base das escolas burguesas da modernidade. Esta característica é onipresente nas regras do *Ratio*. Como nas escolas medievais, o ser açoitado é próprio do fazer pedagógico, algo semelhante ocorreu nas missões jesuíticas. Para as aldeias, foi levado o castigo pedagógico. Nada mais estranho à cultura Guarani.

Os jesuítas não foram muito inovadores nessa matéria. Ajustaram e adaptaram, à sua época, as concepções antigas. Os índios foram tidos por ociosos, porque não oravam e nem laboravam como um beneditino. São princípios antigos, transferidos para as aldeias ameríndias.

Nem só do passado vivia um mestre-escola jesuíta. Em 1534, saiu da Universidade de Paris o grupo de Inácio e dos primeiros companheiros. O contexto era o humanismo renascentista e os clássicos eram mais valorizados por este tempo. Por outro lado, era um tempo de transição entre a educação cenobial e laica e, por outro, entre a cristandade e a reforma.

Os jesuítas acreditavam que o método parisiense era melhor que o espanhol e o italiano, também conhecidos por Inácio. Essa universidade estava muito ligada à religião e a disciplina era rigorosa.

Os jesuítas foram, contraditoriamente, homens do passado e do presente. Como homens do Renascimento, apreciavam os clássicos antigos. O latim e o grego estava presente no currículo de suas escolas e na liturgia de suas igrejas. Os índios eram ensaiados para entoar canções polifônicas renascentistas em latim e, assim, propagandear aos visitantes os progressos da policia cristã das reduções.

A este respeito Leonel Franca (1952, p. 31) escreveu

Os escritores do século XVI julgavam-se no dever indeclinável de corroborar os preceitos mais comezinhos com o peso de uma autoridade clássica. Respeita os

¹³ Escola de ler, escrever e contar. O uso dos saberes clássicos tinha apenas valor instrumental. Na América, os tradicionais saberes indígenas tinham mero valor instrumental.

velhos, assim o ensina Cícero. Sê forte na adversidade, é o exemplo que te deixou Alcibíades. Usa das riquezas com moderação, Ovídio e Plauto o aconselham.

Em contrapartida, é preciso destacar que o uso da cultura clássica passa pelo filtro da autoridade cristã. O grande argumento que confere veracidade ao que é ensinado é o princípio da autoridade. São fragmentos da cultura antiga e isto é uma característica da visão renascentista do mundo antigo. Não basta citar um clássico em latim ou grego para ser cultivado por ele. Pode-se muito bem repeti-lo de maneira mecânica, mas isto é uma característica muito antiga da educação cenobial cristã. Nos mosteiros medievais havia a prática da *lectio divina*, leitura em voz alta de textos, durante os trabalhos e refeições e, também durante as orações. No *Ratio Studiorum*, há várias regras, adotando a repetição como um método de ensino.

Voltando às influências do *Ratio*, não podemos deixar de citar a oratória. Ela era ensinada no currículo das escolas. Tal não foi a surpresa dos jesuítas, aos perceberem o talento “nato” guarani para os discursos. Os mestres tradicionais eram eficientes, porque são constantes as referências na documentação primária, dando conta de que bastava um só ancião falar para pôr a perder tudo o que os missionários ensinavam. Eram muito dissimulados e inspirados pelo demônio, concluíam os missionários (CORTESÃO, 1952, p. 73).

A oratória era valiosa para a formação do sacerdote e para o leigo que iria desempenhar as profissões liberais, poeta, médico, juiz. A este propósito servia a escola jesuítica. E quais eram os livros didáticos? Aristóteles, Cícero, Plutarco, Sêneca e o mais popular de todos: Quintiliano, das Instituições Oratórias (BRETON, 2002, p. 36). Este autor era popular entre os renascentistas e professores da Universidade de Paris. O jesuíta Ledesma, reitor do colégio romano, foi responsável pela adoção de Quintiliano como livro-texto, recomendado nas regras da Companhia. É preciso considerar que antes da disseminação da imprensa, a retórica ainda era a principal técnica da comunicação. A imprensa já existia, mas não era ainda tão popular, devido aos escassos e precários caminhos para transportar os papéis e livros, além do preço dos insumos, como adverte Philippe Breton (2002, p. 45). Por outro lado, não podemos esquecer que, assim que possível, a imprensa foi largamente utilizada. Sua inauguração, no entanto, ocorreu com a publicação de uma Bíblia. Os jesuítas, por seu turno, imprimiram catecismos.

Conseqüências da Conquista do Itatim

A depopulação e destruição de aldeias, acirramento das disputas internas, fragmentação dos dispositivos políticos que garantiam a coesão interna, mediante a construção do consenso, foram resultados comuns da colonização de um lado e da catequização colonial dos *Itatín*.

Estes termos podem ser tomados como efeito da desorganização da economia natural, iniciada com a conquista. Não houve mais espaço para a dissidência. Isto foi reforçado pelos modelos decisórios, trazidos pelos espanhóis e pelos jesuítas. Corrupção e cooptação de caciques foi uma das alternativas usadas pelas autoridades coloniais para controlar a mão-de-obra e os territórios indígenas.

Tema esclarecedor para caracterizar a divisão colonial entre as ordens religiosas consideradas religiões foi o conflito político-teológico entre o bispo franciscano Bernardino de Cárdenas e os religiosos jesuítas do Colégio de Assunção, em torno do uso do termo Tupã, para traduzir Deus na língua Guarani, que motivou a expulsão dos jesuítas do Itatim e, posteriormente, a expulsão do bispo de Assunção, que acabou assumindo a diocese de Santa Cruz de la Sierra.

Uma vez que as missões se estabeleceram no Itatim, o bispo de Assunção passou a solicitar que a direção destas fosse deixada ao encargo de clérigos seculares, recém-ordenados, que, segundo os jesuítas, sabem *mucho poco mas que leer y esso muy malo* e ainda são de costumes morais pouco qualificados (CORTESÃO, 1952, p.89). Como os jesuítas, por motivos óbvios, recusaram-se a transferir a administração das missões ao bispo Bernardino, este, por sua vez, deu início a uma série de articulações, com o objetivo de expulsá-los daquelas missões.

A oportunidade esperada por D. Bernardino de Cárdenas chegou juntamente com os ataques bandeirantes de 1647. No início do ano de 1647, Pe. Justo Mansilla foi até o Guairá, em busca de armas e munições enviadas pelo vice-rei para a defesa das reduções, porém, assim que chegou ao colégio de Assunção, solicitou autorização ao governador (e insiste nela por mais de dois meses) para passar com as armas ao Itatim, alegando que as missões correriam grave perigo, com a volta do inimigo e, conseqüentemente, a fronteira (CORTESÃO, 1952, p. 90).

O pedido não foi atendido pelo governador, por solicitação do bispo Bernardino. Assim, pela falta que fazia na missão, Pe. Justo voltou sem as armas aos *Itatín*. No caminho havia um povoado de índios, sob a direção de um clérigo jovem "sem o temor de Deus", na ótica de Justo Mansilla, que recebera ordens do bispo para

impedir, usando da força, se necessário, a passagem do jesuíta (*atajarle el passo y despojarle y maltratale*). Pe. Justo Mansilla foi protegido por um Capitão daquele "presídio"¹⁴, mas, mesmo assim, o referido clérigo despachou de noite um grupo de índios, que roubaram nove cavalos, sem os quais a travessia dos pantanais teria sido muito penosa, segundo informou Cortesão (1952, p. 90). Nas tramas políticas coloniais, os Itatín se perderam.

Referências

ACOSTA, José de. *Historia Natural y Moral de las Indias*. Madrid – Espanha: Atlas, 1954. p. 2 – 247. Disponível em: Alicante - Espanha: Biblioteca Virtual Cervantes, 1999. Acesso em: 24/09/2006.

BANDELIER, A. F. (1907). Fernando de Avendaño. In *The Catholic Encyclopedia*. New York: Robert Appleton Company, 2008. Disponível em: www.newadvent.org Acesso em 02/10/08

BRAND, Antônio. **O Impacto da Perda da Terra sobre a Tradição Kaiowá/Guarani**: os difíceis caminhos da Palavra. Porto Alegre: PUC, 1998. Tese de doutorado.

BRETON, Philippe. PROULX, Serge. **Sociologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2002.

CORTESÃO, J. (Org.). **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim (1596-1760)**. (Manuscritos da Coleção De Angelis). II. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional – Divisão de Publicações e Divulgação, 1952.

FERREIRA JR., A.; BITTAR, Marisa. **Casas de bê-á-bá e colégios jesuítas no Brasil do século XVI**. In: VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2006, Uberlândia. Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Uberlândia: Editora da UFU, 2006. v. 1. p. 5881-5893.

FRANCA, Pe. Leonel. **O Método Pedagógico dos Jesuítas**. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

GADELHA, R. M. A. F. **As Missões Jesuíticas do Itatim**: um modelo das estruturas sócio-econômicas coloniais do Paraguai (séculos XVI e XVII). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação**: da antiguidade aos nossos dias. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1992.

POMA DE AYALA, Felipe Guamán. *Nueva corónica y buen gobierno (1615)*. Ed. Facsímile. Biblioteca Real da Dinamarca. Disponível em www.kb.dk Acesso em 09/10/2008

¹⁴ Do Lat. *Praesidium*, guarnição, acampamento, apoio.

SOUSA, Neimar Machado de. **A Catequese Colonial Jesuítica na Região do Itatim no Século XVII**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.